

Baseado nos romances de L. J. Smith  
e na série televisiva desenvolvida por Kevin Williamson & Julie Plec

# OS DIÁRIOS DE STEFAN

— Volume 2 —

# Sede de Sangue



Crônicas Vampíricas

Tradução de Carlos Pereira

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Alloy Entertainment e L. J. Smith  
© 2010, Planeta Manuscrito

Título original: *The Vampire Diaries*  
*Stefan's Diaries. Bloodlust*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Abril de 2012

Depósito legal n.º 343 218/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-293-8

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

É esta a hora sinistra dos sortilégios nocturnos! A hora em que os cemitérios restituem os seus mortos e em que o inferno sopra a peste sobre a terra! Neste momento poderia eu beber sangue quente! Cometer uma infâmia que faria empalidecer o Sol, se fosse praticada à sua vista!

William Shakespeare, *Hamlet*, cena III

# Prefácio



*Os poetas e filósofos que outrora amei estavam enganados. A morte não nos sobrevém a todos e a passagem do tempo não nos apaga as memórias nem nos reduz os corpos a pó. Já que no momento em que era declarado morto, e o meu nome gravado numa lápide, a minha vida estava em boa verdade apenas a começar. Era como se tivesse estado adormecido durante todos estes anos, amodorrado na mais escura das noites, apenas para despertar num mundo que era mais brilhante, selvagem e emocionante do que alguma vez imaginara.*

*Os humanos que conhecera continuavam com as suas vidas, como eu em tempos, passando os seus finitos dias a ir ao mercado, a cuidar dos campos, a roubar secretos beijos quando o Sol se punha. Agora eram apenas meras sombras para mim, não mais significativas que os esquilos e coelhos assustados que vagueavam pela floresta, quase inconscientes do mundo em seu redor.*

*Mas eu não era uma sombra. Eu era uno; e indiferente ao seu maior receio. Eu conquistara a morte. Não era um visitante temporário do mundo. Era o seu senhor e tinha toda a eternidade para o dobrar à minha vontade...*

# Capítulo 1



Estávamos em Outubro. As árvores do cemitério tinham ficado de um castanho de decomposição e começara a soprar uma brisa fresca, substituindo o calor sufocante do Verão da Virgínia. Não que o sentisse por aí além. Enquanto vampiro, o meu corpo registava apenas a temperatura da minha próxima vítima, aquecido pela expectativa do seu sangue quente a correr-me nas veias.

A minha próxima vítima encontrava-se apenas a poucos metros de distância: uma rapariga com cabelo cor de avelã que pulava, naquele momento, a vedação da quinta dos Hartnett, situada na área adjacente ao cemitério.

– Clementine Haverford, o que andas aqui a fazer a estas horas? – A minha pose jovial contrastava com a intensa e fortíssima sede que me dominava. Ela não devia encontrar-se ali, mas Matt Hartnett há muito que gostava dela. E embora estivesse noiva de Randall Haverford, um primo que vivia em Charleston, parecia óbvio que o sentimento era mútuo. Clementine encontrava-se já envolvida num jogo perigoso. E parecia estar longe de adivinhar que esse jogo ia em breve tornar-se mortal.

Ela pestanejou na escuridão. Pela expressão fatigada e dentes manchados de vinho, dava para ver que tivera uma noite longa.

– Stefan Salvatore? – articulou. – Mas tu morreste.

Dei um passo na sua direcção.

– Achas?

## Crônicas Vampíricas

– Sim. Eu fui ao teu funeral. – Clementine inclinou a cabeça de lado. No entanto não parecia muito preocupada. Vinha quase a dormir em pé, toldada pelo vinho e pelos beijos roubados. – És um sonho?

– Não, não sou um sonho – disse com voz rouca.

Agarrei-a pelos ombros e puxei-a para mim. Ela tombou-me contra o peito, e o forte bater do seu coração encheu-me os ouvidos. Cheirava a jasmim, tal como no Verão passado, quando a minha mão lhe roçara no corpete do vestido enquanto disputávamos um dos jogos de beijos que Damon punha em prática sob a ponte de Wickery.

Percorri-lhe a face com um dedo. Clementine fora a minha primeira paixão, e interrogara-me com frequência sobre como seria abraçá-la desta forma. Levei os lábios à sua orelha.

– Sou mais um pesadelo.

Antes que pudesse emitir o menor som, cravei-lhe os dentes na veia jugular, suspirando quando o primeiro jacto me atingiu a boca. Ao contrário do que o seu nome poderia sugerir, o sangue de Clementine não era tão doce como imaginara. Em vez disso sabia a fumo e era amargo, como café requentado que voltara a ser aquecido num fogão. Ainda assim, bebi com vontade, drenando-a, até ela deixar de gemer e a sua pulsação tornar-se um sussurro. Ficou inerte nos meus braços e o fogo que me ardia nas veias e entranhas foi apagado.

Passara a semana toda a caçar nos meus tempos livres, tendo descoberto que o meu corpo requeria ser alimentado duas vezes por dia. Durante o resto do tempo limitava-me a ouvir o fluido vital a correr através dos corpos dos residentes de Mystic Falls, fascinado pela facilidade com que o podia obter deles. Quando atacava, fazia-o com cuidado, alimentando-me de pessoas que residiam na hospedaria ou tomando um dos soldados acampados mais acima, em Leestown. Ela seria a primeira vítima que fizera, outrora, parte do meu grupo de amigos; a primeira vítima de que o povo de Mystic Falls sentiria a falta.

Retirando os dentes do seu pescoço, lambi os lábios, permitindo que a língua saboreasse a acumulação de sangue húmido num dos cantos da boca. Depois, arrastei-a para o exterior do cemitério e regresssei à pedra

## Os Diários de Stefan: Sede de Sangue

onde eu e o meu irmão Damon permanecíamos desde que fôramos transformados.

O Sol começava a espreitar sobre o horizonte e Damon estava sentado à borda de água com uma expressão apática, olhando para as profundezas como se estas contivessem o segredo do Universo. Estivera assim desde que despertáramos como vampiros há sete dias, sofrendo pela perda de Katherine, a vampiresa que nos transformara no que agora éramos. Embora me tivesse transformado numa criatura poderosa, eu celebrara a sua morte, ao contrário do meu irmão. Ela enganara-me, e recordá-la fazia-me lembrar a minha vulnerabilidade de outrora.

Enquanto observava Damon, Clementine gemeu nos meus braços, abrindo um dos olhos. Se não fosse o sangue que ensopava a sola de renda azul do vestido de tule azul amarrotado, pareceria estar apenas adormecida.

– Chhh – murmurei, ajeitando-lhe algumas madeixas de cabelo solto atrás da orelha. Uma voz algures na minha mente disse-me que deveria sentir arrependimento com a sua morte, mas não senti coisa alguma. Em vez disso, mudei de posição, atirando-a para cima do ombro, como se fosse apenas uma saca de aveia, e caminhei em direcção à linha de água.

– Irmão. – Deixei cair a seus pés sem cerimónia o corpo quase esvaído de vida de Clementine.

Ele abanou a cabeça e disse:

– Não. – Os seus lábios possuíam uma textura de giz branco. Os vasos sanguíneos contorciam-se-lhe em linhas escuras na face; pareciam rachas numa pedra mármore. À escassa luz matinal, Damon aparentava semelhanças com as estátuas quebradas do cemitério.

– Tens de beber! – disse-lhe com rudeza, empurrando-o para baixo, surpreendido com a minha própria força. As suas narinas alargaram-se. Mas, tal como para o meu, o cheiro do sangue de Clementine era inebriante para o seu corpo fatigado, e em breve os seus lábios tocavam a pele dela apesar dos protestos. Damon começou a beber, devagar a princípio, em seguida sorvendo o líquido como um cavalo desesperado por água.

– Por que continuas a obrigar-me a fazer isto? – perguntou num tom suplicante, limpando a boca com as costas da mão e estremeando.

## Crônicas Vampíricas

– Precisas de recuperar as forças.

Sondei Clementine com a biqueira de uma bota suja de terra. Ela gemeu suavemente, de alguma forma ainda viva. Pelo menos por enquanto. Mas a sua vida encontrava-se nas minhas mãos. Compreender isso provocou-me uma sensação de exaltação, como se todo o meu ser estivesse em fogo. Isto – a caçada, as conquistas, a recompensa da prazenteira sonolência que sempre tinha lugar quando me alimentava – fazia que a eternidade se apresentasse à nossa frente como uma aventura interminável. Por que razão não conseguia Damon entender isso mesmo?

– Isto não é força. É fraqueza – silvou Damon, pondo-se de pé. – É o Inferno na terra, e nada há pior.

– Nada? Preferias ter morrido, como o pai? – Abanei a cabeça com incredulidade. – Tens uma segunda oportunidade.

– Nunca a pedi – retorquiu Damon com brusquidão. – Nunca pedi nada disto. A única coisa que queria era a *Katherine*. E ela desapareceu, portanto mata-me agora e acaba com isto. – Passou-me um ramo de carvalho aguçado. – Aqui – disse, abrindo os braços e expondo o peito. Um único golpe no coração e ele veria o seu desejo satisfeito.

A mente foi-me percorrida por memórias: de *Katherine*, dos seus caracóis escuros e macios, das suas presas brilhantes ao luar, da sua cabeça arqueada para trás antes de me morder o pescoço, do seu sempre presente pendente de lápis-lazúli que lhe repousava na cavidade do pescoço. Compreendia agora por que matara a minha noiva, Rosalyn, por que me manipulara a mim e a Damon, por que usara a sua beleza e cara inocente para fazer que as pessoas confiassem nela e a protegessem. Era a sua natureza. E agora era a nossa. Mas em vez de a aceitar como uma oferenda, como eu fizera, ele parecia pensar que era uma maldição.

Quebrei o ramo sobre o joelho e atirei os bocados para o rio.

– Não – retorqui. Ainda que nunca o admitisse em voz alta, a ideia de viver para sempre sem um único amigo no mundo assustava-me. Queria que aprendêssemos a ser vampiros juntos.

– Não? – repetiu, abrindo muito os olhos. – És homem que chegue para matar o velhote, mas não o teu irmão? – Atirou-me ao chão. Escarranchou-se



## Os Diários de Stefan: Sede de Sangue

em cima de mim com as presas expostas, cuspiendo-me em seguida no pescoço.

– Não faças figuras tristes – observei, pondo-me de pé num salto. Damon era forte, mas eu era muito mais, graças à regularidade com que me alimentava. – E não te enganes a ti próprio pensando que a Katherine te amava – rosnei. – Ela amava o seu Poder, e amava o que nos obrigava a fazer por ela. Mas nunca nos amou.

Os seus olhos faiscaram. Correu para mim com a velocidade de um cavalo a galope. O seu ombro, duro como rocha, embateu em mim, atirando-me de encontro a uma árvore. O tronco abriu-se com um violento estalido.

– Ela amava-me a *mim*.

– Então por que me transformou também a mim? – retorqui, rolando para me pôr de pé enquanto repelia o golpe seguinte.

As palavras surtiram o desejado efeito. Os ombros de Damon afundaram-se. Recuou, cambaleando.

– Como queiras. Faço-o eu próprio – murmurou, agarrando noutra pau e percorrendo o peito com a extremidade aguçada.

Dei-lhe uma palmada na mão para lhe fazer saltar a estaca e torci-lhe o braço para trás das costas.

– Tu és meu irmão... és da minha carne e do meu sangue. Enquanto permanecer vivo, o mesmo se passará contigo. Agora vem comigo.

– Empurrei-o em direcção ao bosque.

– Vou contigo aonde? – inquiriu com indiferença, permitindo que o arrastasse.

– Ao cemitério – respondi. – Temos de ir a um funeral.

Os seus olhos exibiram uma leve faísca de interesse.

– De quem?

– Do pai. Não queres dizer adeus ao homem que nos matou?

## Capítulo 2



Ocultámo-nos no pequeno bosque de abetos por detrás do mausoléu que albergava os ossos dos fundadores de Mystic Falls. Apesar de ser muito cedo, já as pessoas da cidade se encontravam reunidas ombro a ombro à volta de um buraco aberto no chão. Colunas de ar encaracolavam-se em direcção ao céu azul-cerúleo a cada exalação da multidão, como se toda a congregação estivesse a fumar charutos comemorativos em vez de tentar acalmar as dentaduras nervosas.

Os meus sentidos alertados registaram a cena à nossa frente. O cheiro enjoativo da verbena, uma erva que deixava os vampiros impotentes, pairava pesado no ar. A relva encontrava-se coberta de orvalho, as gotas de água caindo na terra num tom prateado, e os sinos da igreja repicavam ao longe. Mesmo a esta distância consegui ver uma lágrima alojada ao canto do olho de Honoria Fells.

No púlpito, o *major* Lockwood apoiava alternadamente o peso em cada um dos pés, mais do que desejoso de ter a atenção da multidão. Consegui ainda distinguir a figura alada acima dele, a estátua de um anjo que assinalava o lugar de repouso final da minha mãe. Mais à frente situavam-se dois lotes vazios, onde eu e Damon deveríamos ter sido enterrados.

A voz do *major* cortou através do ar frio, tão alta para os meus ouvidos sensíveis como se as palavras estivessem a ser proferidas mesmo a meu lado.

– Estamos aqui hoje reunidos para nos despedirmos de um dos mais eminentes filhos de Mystic Falls, Giuseppe Salvatore, um homem para quem a cidade e a família vinham sempre antes de si próprio.

## Crônicas Vampíricas

Damon pontapeou o solo.

– A família, matou-a. O amor que destruiu, as vidas que arruinou – murmurou.

– Chhh – sussurrei-lhe, ao mesmo tempo que lhe agarrava o antebraço.

– Se tivesse de pintar um retrato da vida deste grande homem – continuou Lockwood sobre as exclamações e suspiros da multidão –, Giuseppe Salvatore estaria flanqueado pelos seus dois filhos caídos, Damon e Stefan, heróis da batalha de Willow Creek. Possamos nós aprender com o exemplo de Giuseppe, segui-lo e inspirarmo-nos para libertar a nossa cidade do Mal, explícito ou não.

Damon deixou escapar uma gargalhada grave e trocista.

– O retrato que ele está a pintar – disse Damon – devia incluir a chama na boca da espingarda do pai. – Esfregou o local onde a bala lhe penetrara no peito apenas há uma semana. Não havia qualquer ferimento no sentido físico do termo; a nossa transformação sarara todos os ferimentos; mas a traição ficar-nos-ia para sempre gravada nas mentes.

– Chiu – fiz de novo, enquanto Jonathan Gilbert avançava para se colocar ao lado do *mayor* Lockwood, transportando um grande volume coberto. Parecia ter envelhecido dez anos naqueles sete breves dias: a fronte bronzeada encontrava-se coberta de rugas e no cabelo castanho eram visíveis madeixas brancas. Interroguei-me sobre se a sua transformação teria a ver com Pearl, a vampiresa que amara mas que condenara à morte depois de descobrir quem de facto era.

Distingui os pais de Clementine entre a multidão, de braço dado, sem se terem ainda apercebido de que a filha não se encontrava entre as raparigas de cara velada das filas de trás.

Em breve descobririam o que se passara.

Os meus pensamentos foram interrompidos por um tiquetaque insistente, como o dos ponteiros de um relógio ou uma unha embatendo numa superfície dura. Examinei a multidão, tentando localizar o ponto de origem do tiquetaque. O ritmo do som era lento e regular e mecânico, mais regular que um coração a bater, mais lento que um metrónomo. E parecia vir directamente da mão de Jonathan. O sangue de Clementine subiu-me à cabeça.

## Os Diários de Stefan: Sede de Sangue

*A bússola.*

Quando o pai começara a suspeitar da existência de vampiros, constituiu um comité de cidadãos para livrar a cidade da praga demoníaca. Eu comparecera nas reuniões, que tinham tido lugar no sótão de Jonathan Gilbert. Este fizera planos para um instrumento que identificava vampiros e eu vira-o a usá-lo em combate na semana anterior. Fora assim que descobrira a verdadeira natureza de Pearl.

Acotovelei Damon.

– Temos de sair daqui – disse, quase não movendo o maxilar.

Nesse momento Jonathan ergueu o olhar e os seus olhos encontraram os meus.

Deixou escapar um berro sobre-humano e apontou para o mausoléu.

– Um demónio!

As pessoas na multidão viraram-se para nós como se fossem uma só, os olhares cortando como baionetas através do nevoeiro. Depois algo passou por mim a grande velocidade e a parede atrás de nós explodiu. Elevou-se uma nuvem de pólvora à nossa volta e senti a face lacerada pelos estilhaços do mármore.

Expus as presas e rugi. O som saiu alto, primitivo e aterrorizante. Metade das pessoas na multidão derrubou as cadeiras com a pressa de fugir do cemitério, mas a outra metade ficou.

– Matem os demónios! – gritou Jonathan, brandindo uma besta.

– Acho que eles estão a referir-se a nós, irmão – disse Damon com uma gargalhada curta e seca.

Por isso agarrei em Damon e fugi.